

ENTREVISTA

CARLOS MOORE: TRAVESSIAS DE UM INTELLECTUAL ENGAJADO

Selma Maria Batista de Oliveira¹

“O carrasco mata sempre duas vezes, a segunda pelo silêncio” (Provérbio africano).

De entusiasta a crítico do regime cubano, o escritor, etnólogo e cientista social Carlos Moore, descreve sua luta contra o racismo na sua autobiografia, *Pichón*, publicada em 2015, no Brasil. Pesquisador do tema há mais de 40 anos, vive atualmente em Salvador, e aos 74 anos mantém-se militante e engajado socialmente na luta pela valorização do povo negro. Saiu da ilha de Cuba em 1963, morou em diversos países, militou ao lado de vários intelectuais e artistas negros fundamentais à história do século XX, a exemplo de Myriam Makeba, Malcom X, Aimé Césaire, Max Roach, Maya Angelou, Cheikh Anta Diop, Fela Kuti, Stokely Carmichael, Lélia Gonzáles e Abdias do Nascimento. Publicou vários livros, dentre os quais destacamos *Racismo e Sociedade*, uma obra fundamental para compreender as bases epistemológicas do racismo, e *Fela. Esta vida puta*. Na sua autobiografia, Moore apresenta suas travessias como militante, diaspórico e intelectual engajado que dedica sua vida à luta contra o racismo e pela transformação social. Nesta conversa com a *Revista Grau Zero*, ele nos recebeu em sua residência no *Bairro de Nazaré*, para falar sobre a luta contra o racismo, as travessias em busca da igualdade e o papel do intelectual engajado nos territórios diaspóricos.

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Crítica Cultural, UNEB, Campus II, Alagoinhas (BA). Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: selmamboliveira@hotmail.com.

Leitora e leitor, sintam-se à vontade para adentrar o texto.

Oliveira: Fale um pouco sobre sua trajetória de vida e militância.

Moore: As pessoas sempre me identificam como cientista político, mas eu sou cientista social. Eu fiz um doutorado de Etnologia e, cinco anos depois, fiz outro doutorado mais abrangente, de Ciências Humanas, onde estão representadas várias disciplinas — sociologia, antropologia, ciência política, religião e cultura. Esse é um doutorado que na França se chama doutorado de estado. Esse doutorado tem a abrangência que permite um olhar mais pluridisciplinar sobre a sociedade. Então, meu foco é a sociedade global e como ela se interconecta mundialmente. É por isso que eu me sinto mais confortável sendo um cientista social. Mas, são meros títulos; o mais importante é que eu me vejo como um militante social. A minha passagem pelo mundo acadêmico não é o mais importante para mim; foi uma passagem que foi feita para adquirir certas ferramentas, e também compreender como o mundo acadêmico funcionava, para poder melhor combatê-lo. Pois, eu realmente nunca tive confiança no mundo acadêmico. Sempre o vi como um mundo que era reproduzidor do *status quo*. Não era um mundo que revolucionava as ideias; pelo contrário, era um mundo que referendava as ideias retrógradas e dava base para elas. Especialmente aqui, no Brasil, onde a academia é uma das mais retrógradas que eu tenho visto. O Brasil e a Colômbia são dois centros onde as universidades funcionam como verdadeiras fábricas de produção de mentiras e de calúnias contra os indígenas e os negros, e de justificação do *status quo* de opressão racial. São dois casos prototípicos desse tipo de situação. A Argentina tem muitos problemas de identidade por causa do apego que tem à sua população de origem Europeia — um apego umbilical — à Europa. É um problema de deslocamento de

identidade. Mesmo assim, na Argentina, o mundo acadêmico é um mundo muito mais aberto e contestador. Sabe por quê? Porque a Argentina está mais em contato com as ideias novas que estão sendo promovidas na Europa contra o mundo acadêmico. Enquanto aqui, no Brasil, tem um mundo acadêmico que é fundamentalmente o mesmo de 1885 ou 1888. Ou seja, a universidade aqui realmente não tem mudado, ou pouco mudou desde que foi criada. É uma universidade imperial, dinástica, onde os professores exercem um poder despótico sobre os estudantes. Eles utilizam esse poder despótico para tentar destruir aqueles que entram na universidade já contestando, basicamente os negros e os indígenas. Então é um despotismo realmente e francamente reacionário e racista. Então, eu não me identifico com o universo acadêmico como tal, mas com o mundo da pesquisa. Eu sou um pesquisador e um militante social. Não tenho medo da palavra militante, porque a militância pra mim é algo honroso. Ou seja: para mim, militar não é ficar em uma “torre de babel”, pairando acima da sociedade, mas estar dentro dos problemas sociais. Então, eu me identifico como um pesquisador, como um militante social, como um crítico social — a saber, alguém que quer mudar a sociedade. Eu tento adquirir cada vez mais conhecimentos unicamente com o objetivo de promover mudanças sociais importantes, no sentido de ter outra maneira de viver em sociedade. E toda a minha trajetória política e social pode ser resumida a isso mesmo.

Oliveira: No livro *Racismo e Sociedade*, são-nos apresentadas teses e teorias que colocam em questionamento as supostas “verdades” eurocêntricas sustentadas durante séculos, a exemplo da ideia de raça, além de demonstrar a base do racismo como um fenômeno historicamente ~~condenável~~ fundamentado que tem no fenótipo a sua sustentação. Sendo o racismo um constructo histórico que usa o fenótipo para desqualificar o protagonismo da população negra, de que forma nós, enquanto estudantes e pesquisadores, podemos

contrapor tais discursos, uma vez que aqueles estudos que tem como eixo temático a questão racial e/ou de gênero, são vistos como subalternos ou pouco científicos?

Moore: O fato é que vocês estão entrando na universidade com novos saberes; outros saberes que a universidade simplesmente não pode assimilar porque trata-se de saberes orgânicos, enquanto a universidade não assimila saberes orgânicos. Ela faz basicamente a reprodução de uma série de dados que às vezes nem são conhecimentos, mas dados que são colocados como imutáveis; dados que servem para preservar a imutabilidade do poder socioeconômico, cultural e político vigente na sociedade. Por exemplo, o negro entra na universidade sabendo que a escravidão foi algo perfeitamente horrível. Ele entra na universidade sabendo que o Brasil é um país racista. Ora, ela vai se defrontar com uma situação em que a grande maioria dos seus professores nem acreditam que há racismo aqui e amenizam esse passado recente de escravidão. Esses professores acreditam que aqui existe uma democracia racial e que a escravidão aqui foi uma experiência singularmente “lusotropical”, “branda” e portadora dos “benefícios da miscigenação”. Esses são os dados que são transferidos academicamente por uma série de pensadores brasileiros e não brasileiros, e não somente Gilberto Freyre e outros pensadores desse tipo. Eu nomeio Freyre simplesmente para dar um nome que simboliza toda uma estirpe de pensadores brasileiros racistas e retrógrados que tem construído os dados que a universidade recicla constantemente como sendo todo um saber. Mas o jovem negro ou indígena que aqui entram na universidade com saberes opostos, são considerados automaticamente como inimigos do saber “científico” e “objetivo”. No mundo, existem muitos saberes específicos que estão sendo preservados em muitos lugares que existem fora da universidade. Às vezes esses são espaços espirituais e embora eu não tenha relação de nenhum tipo com a religião, eu defendo de maneira ferrenha o

universo do espiritual oriundo da África. É o meu universo de civilização. Assim, eu defendo o candomblé porque é um universo meu surgido de nossas civilizações e culturas, que estão sendo reprimidas. Nesse mundo espiritual reprimido tem se refugiado grandes noções e ideias libertárias. E também eu acho muito linda a estética ritualística desse mundo. É um ritualismo vivo, belo, ligado ao ser humano e à natureza. Esse mundo do candomblé não é um mundo nem de céu, nem de inferno. É um mundo onde há todo um espaço: espaço de liberdade, espaço libertário. Foi aí que se refugiaram as ideias libertárias que permitiram aos seres humanos escravizados continuarem a se considerar como seres humanos dentro de todo um sistema que negava a humanidade deles. Então muitos dos jovens negros que entram na universidade, entram com esse saber — ou aqueles saberes importantes — que lhes permite saber que os negros não são inferiores a ninguém. Ora, não poucos dos seus professores estão convencidos da inferioridade inata, genética deles como negros. E embora não o digam explicitamente, porque não é politicamente correto dizê-lo em público, entre eles o dizem por que estão convictos de que os negros são brutos, perigosos, preguiçosos e proclives à criminalidade. E é essa a narrativa nacional, o discurso imanente, que se encontra nas novelas. Nelas, os negros aparecem quase sempre como malandros, prostitutas ou quase, criminosos, estupradores e como gente violenta. Eles estão sempre batendo em, ou assassinando esposas, filhas, mães. Mas na vida real é a sociedade dominante que está batendo neles, assassinando-os, discriminando-os e confinando-os nas piores moradias. É a sociedade dominante que está batendo neles. Os jovens negros entram na universidade sabendo tudo isso! O negro entra na universidade com o saber essencial e objetivo de que a sociedade na qual ele vive é perversa; uma fraude, uma sociedade fraudulenta, uma sociedade esquizofrênica, uma sociedade mentirosa e hipócrita, uma sociedade que diz uma coisa e pratica outra. Ele entra com esse saber orgânico baseado na realidade.

de histórica e nas suas prolongações sociais contemporâneas; realidades poderosas e necessárias para poder compreender a realidade social e poder conceber uma transformação social profunda dela. E o jovem indígena também entra na universidade com todo um conhecimento objetivo daquilo que lhe foi feito — o genocídio. Há 500 anos que ele conhece esse mundo ocidental, então não está fascinado com ele, a menos de ser um sujeito alienado e assimilado. Ora, a maioria dos professores brasileiros vivem num mundo imaginado regido pelo pensamento único que o Ocidente erigiu como filtro para filtrar a realidade social dos povos que oprime desde há séculos. Desconhecem os pensadores — ou as realidades — da África, e poucos tem algum conhecimento sobre o próprio continente africano, embora mais da metade deste país é de origem africano. Acaso conhecem os pensadores da Ásia — chineses, japoneses, coreanos, indianos? Ou os pensadores árabes? Ou seja, que aquele professor que está na universidade ensinando, desconhece a sociedade na qual ele vive e desconhece, igualmente, as sociedades nas quais vivem algo como 90% da população terráquea. Penso que, quando esse jovem negro entra na universidade, esse é o quadro objetivo contra o qual chocam. Por isso, acho que é muito importante separar a visão crítica do academicismo. Então, para resumir, a obra *Racismo e Sociedade* é um apinhado de dados históricos comprováveis que demonstrariam que aquilo que está acontecendo no mundo, chamado de racismo, está acontecendo desde há muito tempo; que não é verdade que ele tenha surgido há 500 anos, no ventre da escravidão.

Eu queria demonstrar que essas afirmações eram puro embuste da academia. Queria demonstrar com provas que o racismo tinha surgido pelo menos três ou quatro mil anos atrás, que não era nada de moderno nem “inventado” pelo capitalismo, etc. Eu estava pretendendo demonstrar que

desde então o racismo se “reinventava”, se sofisticava e migrava até ocupar o lugar global que ele ocupa na atualidade.

Oliveira: Então podemos considerar que o modo como a academia utiliza pesquisas relacionadas às questões raciais e de gênero seria uma forma de combater e/ou manter esse status social dessa elite, ou uma forma de manter viva esse racismo que está constantemente se reinventando?

Moore: Seria fácil responder por um sim ou um não. Mas, primeiro devo esclarecer que o racismo não é basicamente um problema de “preconceito”. Uma pessoa pode ter preconceito contra qualquer, seja qual for a sua raça. Eu posso ter preconceito contra minha mãe, posso ter preconceito contra minha filha em tanto que mulher. Posso, também, ter preconceito contra um filho ou uma filha, ou irmã ou irmão, por eles serem homossexuais. Mas o racismo é uma superestrutura herdada historicamente que constitui um sistema em si. Ou seja, ele paira por cima de todas as ideologias, as religiões e os arranjos socioeconômicos, sejam estes pré-capitalistas ou pós-industriais. As origens do racismo não têm nada a ver com ideologia. Pelo contrário — é ele que constrói modelos ideológicos que se enquadram com as diferentes épocas e situações socioeconômicas que forem. De modo, que essas noções sobre o racismo que a academia toda veicula — tanto aqui como no ultramar — não tem base nenhuma na realidade histórica ou científica. O racismo é uma realidade sistêmica e não conjuntural. Como tal, ele paira por cima das formações econômicas, paira por cima das religiões, das diferenças de sexo, das orientações sexuais, e por cima de tudo aquilo que você possa evocar. Por quê? E porque o racismo domina todas essas instâncias? Por uma razão muito simples — ele, como sistema, transfere vantagens e privilégios concretos e diretos para àquele grupo racial para o qual ele funciona positivamente. O racismo só funciona em detrimento de certos grupos raciais, grupos sobre os quais ele exerce seu peso opressor. Portanto, aquele grupo

que se beneficia estruturalmente e culturalmente dele, não tem nenhuma razão lógica para lutar para a sua destruição. E aqui não cabe o sentimentalismo moralista que é típico das religiões, mas a praticidade cruel que governa a vida organizada em sociedade. Essa ideia de que o racismo é uma questão moral, não tem nada a ver com a realidade social ou histórica. Não é uma questão de o “bem” e o “mal”, mas com o poder total e as vantagens específicas que ele confere a aqueles que o detêm de facto — a saber, a comunidade racial que se tornou planetariamente dominante através de séculos e séculos de genocídio, de massacre, de agressões e de expansão pelo mundo. Pois, não há que se esquecer que o racismo surge desses grandes acontecimentos que antecederam ao poder dos gregos, dos romanos, dos persas, dos árabes e dos outros grandes imperialismos patriarcais ariano-semitas. Há que relembrar, todas aquelas invasões arianas que destruíram o mundo antigo; mundo que, naturalmente, também era imperfeito, não deixa de ter sido o universo mais pluralista, mais equitativo, e mais equilibrado nas relações entre homens e mulheres que a humanidade tenha conhecido. A partir da destruição dessas sociedades fundamentalmente matricêntricas por um patriarcalismo feroz, um imperialismo totalmente impiedoso e racialmente hierarquizado, as relações entre os seres humanos passam a ser carnívoras. E, ao final, desembocou no capitalismo que hoje temos aí. O capitalismo é uma representação típica dessa ferocidade, mas o socialismo marxista também, porque este surgiu de um universo cultural e civilizacional onde dominam os reflexos expansionistas, imperialistas e racistas. E por isso que, afinal, o comunismo desemboca basicamente nas mesmas consequências culturais e sociais que o capitalismo. Cuba socialista é tão racista quanto o Brasil racista e a União Soviética comunista é tão racista como a África do Sul capitalista. Porém, não é um problema de simples mudança do sistema econômico ou político, como argumentam os teóricos marxistas, mas sim um problema de mudança sistêmica num

sentido mais amplo, onde os âmbitos cultural e civilizacional se encontrariam inexoravelmente no centro dos projetos económicos e políticos. Se não enxergarmos o racismo como um fenómeno histórico que, hoje, domina e permeia todos os lugares da sociedade, estamos perdidos. Foi isso que argumentei na obra *Racismo e Sociedade*.

Oliveira: Em que medida os problemas relacionados ao atual cenário político do Brasil podem interferir no andamento das políticas afirmativas, sobretudo para o ingresso e sucesso da população negra nas universidades?

Moore: As políticas de ações afirmativas — dentre elas as cotas — são medidas conjunturais que visam dessegredar uma sociedade segregada de uma forma ou de outra. Essas ações conjunturais, por serem pontuais, podem ser freadas ou mesmo desfeitas a qualquer momento com um câmbio político. Temos visto isso na Índia — onde elas se aplicaram pela primeira vez na história — na Malásia, nos Estados Unidos, para citar os casos mais notórios. Em quase todos desses casos, as cotas foram apresentadas como uma “dádiva” do Estado ou como “medidas de reparação”. Ora, na realidade, as ações afirmativas, as cotas, são medidas antissegregacionistas aplicadas com o fim de restabelecer direitos constitucionais que foram confiscados — ou seja, direitos inerentes que haviam sido tirados de uma população e que se pretende reestabelecer gradativamente, em parte ou seja totalmente. Falar de “reparação” no fato de um jovem negro ou indígena ingressar numa universidade, é algo fundamentalmente perverso. Seria algo como quando a monarca Isabel implementou a Lei Áurea e apresentou o fim da escravidão como algo que ela estava dando aos seus filhos negros.

Oliveira: De que forma podemos combater o racismo e buscar a igualdade social, mesmo em uma sociedade como a brasileira, que ainda está impregnada pela ideia de democracia racial, que nega a existência do racismo e atribui somente à classe as diferenças existentes entre negros e brancos?

Moore: Não há uma fórmula para combater o racismo. Ele existe em todos os lugares da sociedade — nas estruturas institucionais de comando político e econômico da sociedade, nos centros de retransmissão de conhecimentos, nas práticas sociais, nas relações interpessoais, no imaginário da sociedade... — onde os praticantes agem de maneira concatenada. Nas igrejas, por exemplo, o racismo está por trás das campanhas de repressão e de agressão neofacistas desencadeadas contra as religiões de matriz africana, no passado como na atualidade. Então, a meu ver, é necessário construir uma estratégia global e flexível para desarticular e travar o racismo em todos os lugares onde ele opera, seja de maneira aberta ou de maneira sorrateira. O racismo é o fator permanente e não conjuntural da sociedade, porque ele se reinventa constantemente e ressurgue com cada geração em função das novas complexidades sociais. Por isso, cada geração tem que inventar, também, novas estratégias globais para lidar com ele. Essa é a realidade apresentada em *Racismo e Sociedade*. Porém, isto não tem nada a ver com otimismo ou pessimismo, bem e mal, porque a sociedade não funciona desse jeito. A sociedade é algo muito complexa precisamente porque ela é feita por seres humanos, os animais mais complexos que existem. Enquanto o racismo gerar benefícios e privilégios materiais, sociais e culturais concretos, ele terá uma base social muito forte e muito ampla com os beneficiados.

Oliveira: O candomblé, assim como os quilombos, são exemplos das várias formas de lutas e resistências da cultura africana nos territórios diaspóricos, como o Brasil. Como o senhor analisa o papel da educação quilombola e das escolas de terreiro existentes no Brasil, em especial no estado da Bahia, para o fortalecimento dessas resistências?

Moore: É muito importante, não há dúvidas. Todas as formas de resistência ao racismo, à hegemonia do mundo hegemônico ocidental, são importantes. Então, as escolas quilombolas, as escolas de candomblé, quando elas oferecem

uma visão que revaloriza o fenótipo das pessoas negras, a essência ontológica delas, estão criando uma autoestima nova. Isso é revolucionário e positivo, contribuindo por isso a mudar a sociedade. São as pequenas contribuições, as pequenas mudanças sociais, que chegam a criar uma massa crítica capaz de impactar na ordem societária.

Oliveira: Sabemos que literatura e política vivem se encontrando, chocando-se, nem sempre de modo harmonioso. Há escritores que adotaram a literatura como missão, a exemplo de Euclides da Cunha e Lima Barreto, autores que apresentaram uma literatura voltada para a ação política e de denúncia dos problemas sociais de seu tempo. Jorge Amado também vivenciou uma fase em que sua produção literária era extremamente política, quase panfletária, a exemplo de outros escritores. Atualmente, temos exemplos dessa literatura engajada em países africanos de língua portuguesa, como Angola e Moçambique, principalmente no contexto pós-colonial, em que muitos desses países estiveram imersos na guerra civil. Temos conhecimento também de sua preocupação com a situação política e social, do seu envolvimento com os problemas sociais atuais. Assim, qual o papel da literatura nesses tempos em que as pessoas não acreditam em nada mais, tempos em que as distopias substituem os sonhos e o idealismo?

Moore: A literatura é um contenedor que pode conter qualquer coisa; pode conter veneno como pode conter antídoto do veneno. A sociedade contém ambos, já que praticamente em todas as sociedades você encontra — sempre chocando, às vezes se equilibrando — uma visão conservadora e uma visão transformadora. Então a literatura é um modo de veicular ideias, sejam positivas no sentido de coincidir com os anseios das comunidades mundiais, ou podres e reacionárias quando favorecem as elites e sua dominação sobre os primeiros. Talvez que o século XXI esteja constituindo formas de transmissão de saberes que não tenham como base a forma

escrita que fora entronizada pela Revolução Industrial. Então, eu não posso me pronunciar sobre a literatura em si, mas sim sobre a função do intelectual na sociedade, seja ela/ele escritor ou não. Porque acredito que ao longo dos séculos, em todas as sociedades, o intelectual tem tido uma função: defender os privilégios das elites ou denunciá-los. Acho que o intelectual engajado socialmente, no sentido de favorecer as aspirações dos dominados, tem a “missão”- si é que posso usar esse termo — de rasgar todas aquelas construções de mentiras e expor a sociedade constantemente tal qual ela realmente é. Porque ser pobre não conduz necessariamente a uma visão transformadora da sociedade. Tem gente pobre cheia de graves preconceitos e ódios. Inclusive os grandes demagogos e fascistas apelam a esse tipo de elemento dentro da sociedade. O intelectual engajado socialmente tem como dever lembrar constantemente à sociedade pauperizada, especialmente, que ela tem a possibilidade de mudar o quadro de horror. Porque chega um momento em que as pessoas oprimidas ficam tão totalmente imersos na pobreza e na opressão que elas chegam a abdicar da ideia de que as coisas possam mudar. Então, é o papel do intelectual socialmente engajado é contestar essa visão pessimista e, constantemente, apresentar utopias redentoras. As utopias redentoras são necessárias. Acho que o papel do intelectual é, precisamente, manter uma consciência crítica no seio da sociedade.

Oliveira: Como o Senhor define o espaço diaspórico? E em que medida a mobilidade humana e suas experiências têm contribuído com os estudos da diáspora?

Moore: As diásporas, do ponto de vista prático e histórico, estão constituídas por comunidades deslocadas. Uma deslocação de comunidades, não é tão somente um movimento de corpos, mas também, e sobretudo, um movimento de pensamentos e de espaços culturais. O africano e a africana chegaram aqui com todo um mundo social complexo;

práticas e valores sobre como se constroem as afetividades entre os humanos, como se constroem as relações de lealdade, as relações de solidariedade. Elas/eles chegaram aqui com toda uma visão do que deve ser a relação de um ser humano com o outro, com os animais e com a natureza toda. Cada africano chegou aqui com uma visão global da sociedade e da vida, aquilo que os pensadores alemães têm denominado de *weltsanschauung*. E é desse universo de valores — surgidos de muitas culturas africanas diferentes — que os africanos diaspóricos extraíram ontem e extraem hoje muitos dos valores próprios que lhes servem para se reelaborarem como seres humanos no século XXI. A enorme maioria dos negros podem nem estar conscientes desse fato, pois a cultura é algo recebido por meio de uma transmissão orgânica... E essas visões estão interagindo com as outras visões, as outras culturas, com as quais os africanos foram forçados a conviver. Então, essas interações dinâmicas têm estado construindo mundos novos, ao longo dos séculos, onde quer que for que os africanos foram violentamente deslocados. As diásporas africanas são as autocriações mais extraordinárias que eu pude conhecer do mundo moderno.

Oliveira: Em sua fala, o senhor nos apresentou que o racismo vai sempre se reinventar, e que a cada geração é necessário também que se reinventem estratégias para combater o racismo. Nesse sentido, como fortalecer e empoderar identidades negras, sobretudo das crianças negras que não se veem representadas nesses espaços de poder, a exemplo da mídia?

Moore: É muito grave o que está acontecendo com as crianças negras, porque se trata de uma destruição sistemática — um genocídio infantil. O genocídio infantil do mundo negro é algo horroroso, porque estamos diante de criaturas que não têm o poder de responder ou de repelir a agressão. E essa agressão está vindo não somente de seus pares, mas igualmente, em muitos casos, dos próprios professores. Co-

mo sabemos, essa agressão violenta não cessa ao longo da escolaridade e se intensifica na universidade. A função de um professor de primária ou secundária é de transmitir afeto, transmitir solidariedade, junto com o abecedário. Mas as nossas crianças ficam aí totalmente desprovidas desse afeto no seu lugar recebem ódio. O ódio — muitas vezes coletivo — de seus pares, confortado pela aquiescência dos professores. Então, esse genocídio infantil é uma das coisas mais horrorosas que se pode imaginar. O racismo não é em um lugar, é em todos os lugares e esse é um dos lugares principais. O racismo dentro do mundo escolar, esse é outro ponto que precisa de políticas específicas para neutralizar os professores racistas, retrógrados, que odeiam esses meninos. Porque esses meninos não são vistos como crianças inocentes, mas como pequenas feras para serem domadas ou destruídas.

Oliveira: Muitos foram os intelectuais e militantes que contribuíram com o processo abolicionista, dentre estes, temos o Luiz Gama, jurista, político, literário, enfim, nesse sentido, qual o legado do jurídico, diaspórico Luiz Gama para as ações afirmativas do Brasil atual?

Moore: Esses próceres do antirracismo, todos aqueles que se posicionaram foram realmente heróis do seu tempo. Correspondem àquilo que falei sobre o intelectual socialmente engajado que, com seu pensamento crítico, transcende os tempos e inspira as gerações vindouras. Ele influencia não somente o momento em que vive, mas continua também influenciando os outros momentos que após sua morte. Séculos depois, continua influenciando — é por isso que falamos dessas figuras como grandes figuras, porque eles continuam nos influenciando eticamente e moralmente. Continuam sendo uma reserva moral para nós e para as ações que nós estamos tomando, no sentido daquilo que eles sonharam que a sociedade pudesse ser.

Oliveira: Quais os principais desafios que os intelectuais negros enfrentam para realizar seus estudos em territórios da diáspora?

Moore: O intelectual negro engajado socialmente não tem diante de si senão desafios e obstáculos. Sem embargo, o intelectual negro comprometido com as elites, tem um caminho dourado pela frente. Aquele que nada têm, pensa em como fazer tudo o possível para promover aqueles que nada têm, para aqueles que nada são, para aqueles que não são visíveis, será duramente combatido. É por isso que o mundo acadêmico não vê com bons olhos esses jovens negros que estão entrando pelas cotas como estudantes — os vê como soldados inimigos. Ele os vê como tropas a combater e a destruir. E, efetivamente, muitos são destruídos, muitos perdem a cabeça, muitos sofrem depressões nervosas. Alguns terminam se suicidando. Mas disto raramente se fala.

Oliveira: Que mensagem a Sr. deixa para os pesquisadores do programa em Crítica Cultural e leitores da Revista Grau Zero?

Moore: Sejam críticos, críticos e mais críticos. Nunca se conformem com o bom senso. Sejam rebeldes, rebeldes, rebeldes; sejam sempre inconformados. Se avançar um passo, pensem já no próximo passo a ser dado. Não se aplaudam por ter avançado um passo, e muito menos por terem obtido tal ou qual diploma. Quando avançar um passo, já estejam planejando, elaborando, construindo o outro passo. Sempre fiquem sonhando e construindo as utopias que nos fazem avançar para aquilo que parece irrealizável. É assim que a sociedade muda.

Oliveira: Obrigada pela militância, disponibilidade e atenção!